

EM Por Ricardo N. DIRECTO

18/6/82

A resposta moçambicana

Nas últimas semanas, uma série de factos ocorridos quase em simultâneo vieram dar impulso a uma necessidade que há muito se tornava urgente: mobilizar todas as vontades e energias patrióticas para dar resposta ao desafio nacional que nos é lançado pela guerra total que nos move o regime fascista e racista da África do Sul.

Um desafio que não é apenas militar, mas e sobretudo, político. Um desafio que não vem só do exterior na face do inimigo racista e dos seus bandos armados, mas também do inimigo interno que nos desestabiliza, desgasta com as armas da sabotagem burocrática e gestão incompetente.

O facto inagável hoje é este: entorpecidos pela ânsia legítima de paz, permitimos que o inimigo crescesse. Noutras circunstâncias a visão menos serena dos factos e da dimensão do inimigo redundou na análise fácil do triunfalismo... Que se pode interpretar um pouco a partir da expressão «sim, temos problemas, mas...» e que mais não é do que uma posição de defesa abstracta, sem a agressividade da resposta que parte do exame frio dos problemas para a acção constante das medidas.

Quando as notícias das deserções de traidores ecoaram do Rovuma ao Maputo, o país certamente, terá sido sacudido pela compreensão brutal da realidade que com firmeza teremos que enfrentar. A capacidade do inimigo não deve medir-se apenas pelo ataque à Matola, ou pelos crimes e ca-

pacidade dos bandos armados em vários pontos do país mas também pela ameaça que representam sob todas as máscaras os infiltrados tipo Jorge Costa. Sob o disfarce da linguagem do Partido, tentam desvirtuar a sua linha política. Sob a capa da defesa abstracta das «estruturas», subvertem as estruturas e sobretudo o conceito de estruturas e o seu relacionamento correcto com o Povo. Sob a peliça de «nossas» estruturas servem-se delas como rampas de lançamento para as suas carreiras pessoais, transformando-se no retrato vivo do elitismo e da arrogância. Esses germes, esses corpos vivos, dão também armas ao inimigo pelo clima de perturbação que criam.

Entretanto, ao desafio nacional para a defesa da Pátria, o Partido Frelimo deu uma vez mais a resposta: Moçambique. Ou seja, a solução dos problemas de Moçambique está nos moçambicanos. Tal como na Ofensiva Política e Organizacional e tal como na Ofensiva da Legalidade.

Talvez Isso doa, uma vez mais, àqueles que alimentam a ilusão de ver Moçambique succumbir em braços não moçambicanos. Certamente que a resposta moçambicana não será do agrado dos que ficavam agradados de ver Moçambique caminhar não nas suas pernas mas nas muletas de um qualquer protector.

Somos chamados a defender o futuro de Moçambique e da Revolução. É a independência nacional que está em jogo e ela não se compadece com o jogo dos que confundem a Pátria com interesses pessoais e fazem destes a sua Pátria.

O inimigo que nos agride já demonstrou que não é fácil nem ingénuo. Por isso a necessidade de enfrentarmos a situação com serenidade e firmeza, mas sem triunfalismos. Com a energia e o orgulho do Povo e do País que somos. E com certeza do Moçambique independente, do Moçambique socialista que construímos.